

por *Dndo. Matheus Schmaelter e Dndo. Peter Franco de Souza*
matheus.lc@gmail.com e peterfranco@hotmail.com
UERJ

DOI:10.12957/ek.2018.43200

Foi na primeira metade do século XX que uma nova forma de encarar os problemas filosóficos tomou corpo e passou a desenvolver-se. O existencialismo, como seria conhecido principalmente a partir da filosofia de Jean-Paul Sartre, surge, na contemporaneidade, da preocupação da relação existencial dos indivíduos com as categorias até então apenas consideradas em seu caráter abstrato. A partir daí, não é suficiente o conhecimento correto, por assim dizer, dos conceitos filosóficos mas sim a relação deste conhecimento com aquilo que é vivido, experienciado na vida cotidiana, como o conhecimento serve à vida, tornando-se então eficaz e não apenas acessório.

Buscando sua inspiração ainda nos pensadores do século XIX, como Schopenhauer, Kierkegaard e Nietzsche, o existencialismo encontra seu lugar no século XX recebendo também influência direta da fenomenologia de Edmund Husserl e Martin Heidegger. Com Simone de Beauvoir, Sartre e Albert Camus adicionou-se a esse conjunto o teatro, o romance, o conto e, principalmente, o ensaio como estilo de escrita para compreensão da realização da vida humana. Assim, o existencialismo estabeleceu-se como uma das principais doutrinas da filosofia pós Segunda Guerra Mundial, tendo influenciado pensadores que se tornarão fundamentais nas décadas porvir, como Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Merleau-Ponty e Michel Foucault.

Refletindo os sentimentos recorrentes do início do século passado, provocados pela insegurança e desilusão com o futuro da humanidade gerado pelas duas grandes guerras, a industrialização do trabalho, a desvalorização da vida de uns em detrimento de outros, o autoritarismo,

etc., conceitos como angústia, desespero e desamparo são retomados do século XIX pelos existencialistas do século XX a fim de compreender como o conhecimento caminha junto à existência tornando-a mais liberta e menos servil. Nesse contexto a vida que caminha junto ao conhecimento faz-se mais urgente de maneira a estimular a procura por novas formas de vida, isto é, outras formas de realização individual e comunitária que desembocam, necessariamente, em uma nova ética. Os valores metafísicos são revisitados e reinterpretados, quando não rejeitados, como no caso da essência, que não mais encontra um lugar anterior à própria criação existencial do indivíduo humano.

É nesse contexto histórico, tanto do pensamento como da humanidade como um todo, que surge uma das mais relevantes obras de literatura e filosofia do século: *A Náusea*, publicada por Sartre em 1938, que completou, no ano de 2018, 80 anos desde sua primeira publicação, o que serviu de motivação para a temática do dossiê da atual edição de nossa revista. Em comemoração, a *Ekstasis: revista de fenomenologia e hermenêutica* traz no presente número seis artigos, além de uma resenha e uma tradução, dedicados à análise do existencialismo e suas categorias em geral, bem como do existencialismo sartreano. Sobre *A Náusea*, a resenha realizada por Nathan Ramos Vieira nos apresenta uma análise de como os conceitos abordados literariamente nesta obra influenciam diretamente o desenvolvimento posterior da filosofia de Sartre em *O existencialismo é um humanismo*. O artigo de Rafael de Souza Pinheiro e Bruna Santos da Silva segue analisando a mesma obra, discorrem sobre como Sartre critica o determinismo psicológico, bem como a noção de intimidade, presente em obras literária francesas como as de Honoré de Balzac e Marcel Proust.

O artigo de Deborah Moreira Guimarães nos explicita, a partir da obra *A transcendência do Ego*, as características fundamentais da teoria sartreana da consciência na passagem entre o projeto fenomenológico e o projeto ético de Sartre.

Com Marcio Gimenes de Paula voltamos ao século XIX a fim de compreender como o tema da subjetividade e a crítica ao conceito de história desenvolvidos por Kierkegaard aparecem na obra do existencialista francês.

Gustavo Fujiwara dedica-se à reflexão sobre o conceito de nada a partir de duas obras de Sartre, *L'imaginaire*, de 1940, e *Carnets de la Drôle de Guerre*, escrito entre os anos de 1938 e 1940, e como o conceito aparece como um operador ontológico e fenomenológico da consciência.

Rodrigo Benevides Barbosa Gomes traça o percurso da discussão epistemológica sartreana realizada em *O Ser e o Nada*, no qual Sartre defende que a dedução e a intuição não são nada mais do que instrumentos para se chegar ao que pode, de fato, ser chamado de conhecimento: a intuição.

Por fim, mas longe de ser o menos importante dos artigos aqui publicados, somos brindados com o artigo de Vincent de Coorebyter, professor da Université Libre de Bruxelles, com tradução de Fernanda Alt.

Contamos ainda com as contribuições de Gabriel Lago de Souza Barros, Matheus Maia Schmaelter, Rita de Cássia Oliveira e Yonathan Listik enriquecendo a temática central da revista Ekstasis com artigos sobre fenomenologia, a hermenêutica do pecado a partir de Lutero e Kierkegaard, Paul Ricoeur e Jean-Luc Nancy.

O intuito do vol. 7, n. 2 da revista Ekstasis é fomentar o interesse ao redor do tema do existencialismo em suas relações hermenêuticas e fenomenológicas, altamente relevantes para a compreensão do indivíduo em sua relação consigo mesmo, com a sociedade e com toda a realidade ao seu redor, relações que permanecem vivas e determinantes para a existência humana e que se atualizam diante das transformações provocadas por avanços tecnológicos, históricos e os diferentes modos de organização políticos que se manifestam no desenvolvimento deste já tão complexo século XXI.

Boa leitura a todos!